

Culto e criança na Bíblia

Ms.Odete Liber de Almeida Adriano

Introdução

Muitas igrejas procuram propor práticas e posturas pastoral, educacional, política e social relevantes para o contexto latino-americano, em especial o brasileiro, porém há uma lacuna a ser trabalhada, que é a criança. Muito esforço tem sido feito, muito material tem sido produzido, mas no todo, no universo das necessidades das crianças e das suas potencialidades, no contexto da comunidade, todo este esforço representa apenas o começo do que precisa ser feito. Em nossas comunidades ainda permanece a marca das estruturas, linguagens e paradigmas adultos sobre o Reino de Deus. Nesse contexto, a liturgia ou ordem do culto não dá espaço para a criança, e o resgate da criança nas nossas celebrações cultuais implica uma negação do que é comum e viável na sociedade de consumo (os modismos). Não podemos negar as coisas essenciais que pertencem a todas as pessoas, sejam elas adultas ou crianças.

É necessário voltar a atenção para a criança que está dentro da comunidade, ampliando a visão das ações e relações dentro dela, nas quais a criança também participe. A premissa de que o mesmo Deus que chama também capacita as pessoas – para trabalhar, atuar, agir – deve ser entendida em relação à participação das crianças na igreja.

Geralmente, a criança não é vista como pessoa, como sujeito de sua própria palavra. Sua palavra é silenciada, tomada. Diante desta realidade, importa recuperar o sentido das palavras na tentativa de recuperar a vida e as pessoas em suas relações uns com os outros. Recuperar a palavra significa recriar a vida através de relações pautadas nas necessidades mais essenciais e verdadeiras, as quais pressupõem a presença dos outros e do Outro para que possam existir.

Quando a criança não é excluída do culto, ela torna-se co-participante da vida celebrativa da comunidade. A comunidade de fé, potencialmente capaz de inspirar a ação criadora, geradora de filhos e filhas, pode, através do culto - com sua ação educadora -, transformar as relações das crianças com Deus e com as pessoas, ampliar a visão de si mesma, olhar e re-interpretar os símbolos, as palavras, os gestos e as pessoa.

A tradição bíblico-teológica, que parte da pergunta “quem são as crianças na e da Bíblia?”, mostra as crianças do povo hebreu e sua educação, como elas estavam integradas no culto e participavam das celebrações, uma vez que o culto era espaço de integração, aprendizagem e rememoração, onde se aprendia a conhecer e a amar a Deus.

Ao se incluir as crianças na liturgia, no culto, velhas estruturas, ideias e costumes podem ser extintas com esta novidade.

[...] quem introduz uma liturgia com crianças precisa saber que pode chameuscar suas asas e que sua vida muda (Mc 1.15). Verá que com isto se modifica a fisionomia da comunidade eclesial, que as estruturas são questionadas, e que antes que se dê por isso terá ocorrido uma transformação, a começar por ele próprio e por sua igreja... Quem quiser introduzir na Igreja uma mensagem para as crianças, descobrirá que esta mensagem derruba tudo: a linguagem, os usos, os ritos, as próprias pessoas. Muita coisa muda quando se começa por aí. Tudo mesmo. É um novo mundo que desponta¹.

A inclusão das crianças na liturgia procura também refutar a ideia de que as crianças não têm fé, razão de muitas comunidades cristãs não permitiram e não permitem que, ainda hoje, elas celebrem como sujeitos ativos no culto. Estas comunidades esquecem que a criança tem, nas mais variadas fases de seu desenvolvimento, um jeito especial de crer e de experienciar o sagrado.

Criança, fé e culto na Bíblia

A fundamentação bíblico-teológica verifica como era a vida da criança no contexto sócio-cultural e religioso do mundo bíblico. Ela indica que as crianças estavam sempre presentes nas celebrações e ofertas da família e mostra que, no seu ensino, os israelitas relembavam os eventos significativos de sua história, os quais eram comemorados através de rituais e festas, de tal forma que as crianças eram nutridas na prática da religião. No judaísmo, a sinagoga combinava culto/adoração e educação nos cultos públicos e o seu propósito era ensinar. O ensino da estrutura do culto ainda era centralizado no lar, com os pais adaptando a Torá à capacidade da criança de recebê-la. No Novo Testamento, a criança também tinha lugar no plano salvador de Deus e, ao que tudo indica, nos cultos, as crianças se faziam presentes acompanhando seus pais ou mesmo nos braços de suas mães.

¹ Norbert METTE. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças, p. 134-135.

O contexto sócio-cultural e religioso do mundo bíblico apresenta características peculiares. Por essa razão, à pergunta “quem são as crianças na e da Bíblia?”, podemos responder que são filhos e filhas de um povo que tem uma história, sobretudo a história da sua fé, fé no Deus que atua na história. Além disso, as crianças eram também consideradas bênçãos, dádivas concedidas por Deus, herança do Senhor (Sl 127; 128.3-6). A mulher que gerava filhos gozava das bênçãos de Deus. Meninos e meninas significam a continuidade do povo israelita, pois para o Antigo Testamento multiplicar-se é uma ordem da criação (Gn 1.28). Não ter filhos era um grande pesar e um vexame religioso (Gn 15.2; 1 Sm 1.2). Nos seus filhos, ou seja, na sua descendência, um homem vive². Neste pano de fundo está uma forte afirmação da vida e a alta estima dos descendentes está ancorada na fé em Deus.

Os hebreus receberam instruções específicas sobre o culto e a participação das crianças nas celebrações. A prática do culto foi diversificada ao longo dos muitos anos da história bíblica, já que ela envolve tribos nômades, comunidades estabelecidas na terra e o exílio, ou seja, descreve a história de um povo que esteve face a face com as mais variadas situações. O surgimento da sinagoga trouxe também mudanças significativas, mas os princípios que subjazem ao culto permaneceram marcadamente os mesmos. É necessário, portanto, conhecer alguns dos princípios da vida hebraica³, pois nascer num lar hebreu tornava a criança uma aprendiz do culto.

O lar era o centro do culto e os pais eram os primeiros instrutores. A criança aprendia ao estar presente e tomar parte no culto. Questões e respostas eram construídas na celebração – tal instrução era parte do ritual (Ex 12.26; 13.8). Ensinar às crianças diligentemente que Deus é Senhor e que o amor total a Ele é uma resposta apropriada é educar no culto. Esta educação devia permear suas vidas em casa e fora de casa, de manhã e à noite. O reconhecimento do único Deus e o mandamento para amá-Lo era uma lição ensinada deliberadamente e expressada nos rituais de culto durante todo o dia:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a

² Ora, o israelita morre, mas Israel continua. Por essa razão, para que a morte não signifique uma ruptura total das relações entre Israel e os que morrem, importa que estes tenham descendência. Morrer sem ter filhos é uma grande desgraça e um sinal de reprovação de Deus. Aquele que morre sem filhos representa uma família arrancada do mundo dos vivos: o israelita forma uma unidade com a sua família de hoje e de amanhã, um corpo com os seus antepassados e descendentes (Dt 25.5-10). Cf. A. OEPKE, *paidion*. In: *Theological Dictionary of the New Testament* V, p. 645.

³ David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshipping Community*, p. 48-49.

tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas (Dt 6.4-9).

A oração era parte natural da vida diária. As estações, as colheitas, a noite e o dia eram lembranças do Criador. Contar histórias, conversas e as atividades diárias lembravam os atos e mandamentos de Deus. Além disso, um dia da semana unia os hebreus no culto e aprendizado. Este dia, o sábado era uma lembrança recorrente do Criador, que descansou no sétimo dia. Era também um sinal de relação especial de Israel com Deus, reforçado por ações concretas e símbolos abundantes. Guardar o sábado envolvia cada membro da família e toda a família compartilhava uma refeição especial depois do pôr do sol da sexta-feira. Os pais abençoavam seus filhos. Dois pães eram colocados numa toalha limpa em memória do maná no deserto. Nenhum trabalho era feito. O sábado era uma experiência de culto e um dia de lembrar porquê eles adoravam e a quem adoravam⁴.

O culto estava enraizado na comunidade da aliança. Os pais aceitavam o mandato de adorar e ensinar, porque faziam parte da comunidade da aliança. Embora as crianças fossem da responsabilidade dos pais, elas eram uma responsabilidade da família da aliança maior. Nascer entre os hebreus era ser parte de um povo que foi criado pelos atos graciosos de Deus e unido numa relação íntima com Ele. Cada criança, sem consideração de sexo, recebia as promessas, a história e as leis que faziam delas um povo especial. A purificação e dedicação que ocorria por ocasião do nascimento de uma criança eram rituais que indicam sua pertença à comunidade⁵.

As crianças cresciam no meio do povo, participando do culto, das festas, enfim dos rituais religiosos e celebrativos. Elas participavam do culto como adoradoras e como aprendizes. As atividades de casa e os festivais procuravam criar curiosidade. Ações e objetos e não palavras ou ideias levavam a criança a fazer perguntas. A educação sobre o culto não precedia o culto, mas tinha lugar no culto⁶, num envolvimento que tinha profundo significado de manutenção da memória e que se evidenciava na formação religiosa deste povo. Para os israelitas, preservar a memória significava preservar a própria vida. Eles tinham consciência do significado e valor dos eventos salvíficos que

⁴ David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 49.

⁵ David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 49-50.

⁶ David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 51.

marcaram a história de seu povo e que deveriam ser transmitidos às crianças. Nesta rememoração, cada geração renovava na fé a compreensão de si mesma⁷.

Tão logo uma criança aprendia a falar, tinha de decorar o primeiro trecho do Shema e a frase: Moisés nos prescreveu a lei por herança da congregação de Jacó (Dt 33.4). Conforme as determinações deuteronomicas, cada sete anos todo o povo: ‘os homens, as mulheres, os meninos’ tinham de se reunir para uma leitura pública da Torá, ‘para que ouçam e aprendam, e temam ao Senhor vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei; para que seus filhos, que não a souberam, ouçam, e aprendam a temer ao Senhor (...) (Dt 31.10-13)⁸.

Elas também não ficavam separadas, aprendiam juntamente com seus pais, em família e, mais tarde, com seus mestres, na sinagoga. Eram crianças que faziam parte da história e aprendiam sua história, a história de seu povo, pois participavam da vida cultural em família e nas reuniões semanais da sinagoga⁹. E sobre Deus elas não aprendiam definições abstratas, mas sim coisas concretas, carregadas de lembranças, de história, de vida e calor, como, por exemplo, o Deus que é louvado e celebrado no Salmo 145.1-7:

Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei; bendirei o teu nome para todo o sempre. Todos os dias te bendirei e louvarei o teu nome para todo o sempre. Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável. Uma geração louvará a outra geração as tuas obras e anunciará os teus poderosos feitos. Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade e nas tuas maravilhas. Falar-se-á do poder dos teus feitos tremendos, e contarei a tua grandeza. Divulgarão a memória de tua muita bondade e com júbilo celebrarão a tua justiça.

As crianças também conheciam a mais antiga história de Israel, que era a promessa da terra feita por Deus a Abraão e seus descendentes (Gn 12 e 15), a qual foi retomada na primeira aparição de Moisés¹⁰. Elas eram, assim, educadas segundo a pedagogia do Salmo 78.1-7¹¹:

Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca. Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração

⁷ Gerhard VON RAD, Teologia do Antigo Testamento, p. 300-301.

⁸ Hans R. WEBER, Jesus e as crianças, p. 40.

⁹ Reginaldo VELOSO, Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus, p. 16-19.

¹⁰ Reginaldo VELOSO, Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus, p. 20-21.

¹¹ Reginaldo VELOSO, Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus, p. 16.

os louvores do Senhor, e o seu poder, e as maravilhas que fez. Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos.

Crianças criadas num ambiente em que as coisas são permanentemente recordadas, educadas nesta escola de fé e esperança, acostumadas desde pequenas a escutar os profetas e recitar os Salmos, sentindo-se participantes da história de Deus, permanecerão nesta fé e na comunidade¹². Nesse sentido, aprendiam três coisas importantes de seus pais¹³:

- ✓ que Deus é um Deus sensível e atento aos sofrimentos dos oprimidos;
- ✓ que Deus está efetivamente comprometido com a libertação dos oprimidos;
- ✓ que Deus promete aos oprimidos uma vida feliz, numa terra nova.

Os pais conversavam e também instruíam as crianças sobre os rituais e símbolos religiosos, os quais as ajudavam a entender a história de seu povo. Elas estavam presentes nas ofertas das famílias (1 Sm 1.4), sendo, assim, nutridas na prática da religião. Elas recebiam também instrução planejada complementar, a qual, numa primeira instância, era uma instrução nos fundamentos históricos da religião de Javé (Dt 4.9), nas exigências de Javé (Dt 11.10) e, finalmente, na sabedoria prática religiosa e moral (Pv 4.1ss.)¹⁴.

As crianças eram, assim, valorizadas e deveriam ser instruídas e disciplinadas no temor do Senhor, começando na sua casa. O culto, através da rememoração, conduzia à obediência no presente. Aprendendo e participando na vida da comunidade, conheciam e amavam a Deus. Reconhecer e amar a Deus se expressava no amor ao próximo: “Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão; nem tomarás em penhor a roupa da viúva.” (Dt 24:17) Uma vida de culto era uma vida de conduta ética e, nesse sentido, celebrar a história dos atos salvadores de Deus não deixava de lado a questão social.

¹² Reginaldo VELOSO, Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus, p. 23.

¹³ Reginaldo VELOSO, Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus, p. 23.

¹⁴ A. OEPKE, Theological Dictionary of the New Testament V, p. 647.

No judaísmo, especialmente depois da destruição do templo, ocorreu uma mudança de ênfase do culto para o conhecimento e prática da Torá, envolvendo uma diferenciação maior entre meninos e meninas. Somente o homem é obrigado a guardar a Torá em sua totalidade e, assim, justifica-se que somente ele pode aprendê-la. Na puberdade um menino judeu fazia o bar mitzvah, como Jesus, que aos doze anos foi ao templo (Lucas 2.41-52), mas sua instrução e prática começava muito antes. Joshua b. Gamla (cerca de 63-65) ordenou que deveria haver mestres em toda província e cidade e que os meninos da idade de 6 e 7 anos deveriam ser levados a eles. Isto era, entretanto, uma provisão de emergência, porque a educação religiosa dada pelos pais estava se tornando deficitária. Esta educação durava, normalmente, 13 anos, de modo que ela começava bem cedo, e suas exigências e a escrupulosidade na observância legal requeridas, deixam claro que a criança pertencia desde o seu nascimento à comunidade¹⁵.

A sinagoga combinava culto/adoração e educação nos cultos públicos. O propósito da sinagoga era ensinar. Quando completavam três anos, as crianças começavam a memorizar partes da Torá, primeiramente as bênçãos, de modo que elas pudessem contribuir com o culto em casa. Mais tarde, os meninos deveriam participar das três festas que ocorriam anualmente em Jerusalém. Mesmo quando ainda menor, um menino podia ler a Torá e interpretá-la na sinagoga. Na idade de quatro anos, as crianças acompanhavam os pais à sinagoga. O ensino da estrutura do culto ainda era centralizado no lar, com os pais adaptando a Torá à capacidade da criança de recebê-la. Assim, a instrução na reunião pública era acrescentada à educação no lar e o sábado tornou-se um tempo para a comunidade e a família reunirem-se. Adultos e crianças aprendiam juntos¹⁶.

Jesus adota a crença do Antigo Testamento em Deus e, portanto, seu conhecimento do criador e sua relação com a existência humana. Assim, Ele santifica o amor aos pais (Mt 5.36) e faz uma alta avaliação da criança, a qual, por aquele tempo, não era estimada entre o seu povo (Mt 18.2; Mc 10.13-16). Jesus se refere ao fato de que as crianças são modestas quando comparadas com os adultos (Mt 18.2; 19.3ss) e sua imaturidade e necessidade de assistência deixa aberto o caminho para o amor paternal de Deus¹⁷.

A comunidade cristã que nos transmitiu as narrativas de infância e o relato da bênção das crianças por Jesus também compreendia de forma orgânica a inter-relação entre as

¹⁵ A. OEPKE, *Theological Dictionary of the New Testament* V, p. 648.

¹⁶ David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 52.

¹⁷ A. OEPKE, *Theological Dictionary of the New Testament* V, p. 649.

gerações. A criança tem lugar no plano salvador de Deus e a atitude de Jesus para com elas pode ser explicada deste ponto de vista. Apesar de que não eram contadas como membros da comunidade, elas participavam dos eventos cruciais da vida da comunidade e, pelo menos, quando alcançavam os anos de discernimento, estavam presentes nos seus cultos (At 20.9.12; Cl 3.20; Ef 6.1-3). As cartas pastorais falam da fé e conduta que os filhos e filhas dos líderes na comunidade deveriam ter (1 Tm 3.4; 5.4; Tito 1.6)¹⁸.

Na tradição bíblica, portanto, a relação da criança com a religião é muito íntima. No culto israelita, adultos e crianças enriqueciam um ao outro. Qualquer pessoa que ensina aprende. A fé da aliança requeria dos pais explicar os rituais do culto como eles ocorriam. Era a re-educação adulta na sua forma mais prática. Um ritual que deveria ser constantemente reinterpretado não poderia ser sem sentido e, como os pais contavam a história aos filhos e filhas, ele era renovado em sua vida bem como na vida da criança¹⁹. Assim, a exigência de adorar parece ter sido um questionamento tanto da criança quanto do pai para uma adoração com entendimento. Nesta experiência o pai educava a criança e a criança fortalecia o pai. Neste culto, no qual era central o Deus da história de sua comunidade e o Senhor que agia diariamente, o aprender era essencial e os relacionamentos eram desenvolvidos. A criança apreendia sua identidade e a conduta que expressava aquela identidade²⁰.

Referências

METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. In: Revista Concilium, n. 264, Onde estão nossas crianças?. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

NG, David, THOMAS, Virginia, Children in the Worshiping Community. Atlanta: John Knox Press, 1981.

OEPKE, A., paidi, on ktl. In: Friedrich, Gerhard (ed.). Theological Dictionary of the New Testament V. Grand Rapids, Michigan: W.M.B.E. Publishing Company, 1967.

VELOSO, Reginaldo. Os filhos dos hebreus. Ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus. Petrópolis: Vozes, 1982.

VON RAD, Gerhard. Teologia do Antigo Testamento, vol. 2, São Paulo: ASTE, 1974.

¹⁸ A. OEPKE, Theological Dictionary of the New Testament V, p. 650.

¹⁹ David NG, Virginia THOMAS, Children in the Worshiping Community, p. 51.

²⁰ David NG, Virginia THOMAS, Children in the Worshiping Community, p. 51.